

IDENTIFICAÇÃO DA FORMANDA

- Nome: **Ivone Carla de Oliveira Fernandes Pinto Macedo**
- Nível de ensino: **3º Ciclo e Secundário**
- Grupo de docência: **520 (Biologia/Geologia)**
- Escola: **Escola Secundária Augusto Gomes**

Reflexão Final

A minha inscrição nesta oficina deveu-se a dois fatores: ter feito recentemente uma especialização em educação especial, e a perturbação do espectro do autismo (PEA) ser uma área que me interessa bastante. Assim, o objetivo principal era adquirir mais conhecimentos sobre a área da PEA e desenvolver competências de natureza processuais e metodológicas inerentes quer à intervenção quer à avaliação de crianças com PEA.

Nem sempre é fácil encontrar formação nesta área, por isso foi uma feliz surpresa quando a minha inscrição foi aceite, até porque para qualquer professor contratado, ser aceite numa formação acreditada, em que não seja necessário pagar a inscrição e/ou materiais, é uma missão quase impossível. Confesso, no entanto, que tinha algum receio, que rapidamente se dissipou, pois a formadora conseguiu logo à partida uma grande empatia com os formandos.

A PEA caracteriza-se, na sua essência, por um prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social, e por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Estes sintomas estão presentes desde cedo nas crianças, limitando ou até prejudicando o seu funcionamento diário. A capacidade de envolvimento com os outros e de partilhar ideias e sentimentos é deficitária nestas crianças, pois não ocorre imitação do comportamento dos pares. A linguagem pode não ser usada para comentar ou conversar, isto é, não há reciprocidade social, o que compromete naturalmente a relação com os outros nomeadamente com os pares.

De acordo com o DSM-5 (Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais), as PEA constituem perturbações do neuro desenvolvimento, incluindo alterações comportamentais, de comunicação e de interação social. Estas perturbações implicam um défice na flexibilidade de pensamento e uma especificidade no modo de aprender que comprometem em particular o contacto e a comunicação da criança com o meio. Atualmente, reconhece-se que as dificuldades de desenvolvimento manifestadas por alunos com PEA, não são apenas decorrentes da sua problemática, mas também da forma como estas são aceites e compensadas pelo meio ambiente.

Desde cedo que é possível verificar os problemas de comunicação destas crianças, como quando querem um objeto e não o pedem, somente apontam e esperam que o outro lhes entregue. Atendendo a esta circunstância, a inclusão de alunos com PEA em meio escolar requer, a prestação de apoios diferenciados e adequados a essa forma específica de pensar, aprender e interagir. As crianças com PEA possuem dificuldades particularmente ligadas à

imaginação, logo muitas delas não se sentem capazes de antever qualquer consequência de uma situação nova. No que diz respeito a qualquer aspeto ligado à escola, esta incapacidade pode provocar no aluno uma dificuldade em antecipar consequências positivas no que quer que seja, pelo que apenas quando a situação já foi vivenciada é possível ao aluno compreendê-la plenamente. Há que ter em atenção que alguns alunos podem ter tido experiências passadas que limitem, de certa forma, a adaptação a situações presentes, na medida em que experiências anteriores menos positivas podem influenciar o estado de espírito do aluno levando-o a isolar-se. É então de maior importância que sejam proporcionadas aos alunos oportunidades de passarem por experiências positivas na escola, de modo a que possam construir um banco de memórias da vida real de experiências positivas.

Para que a experiência escolar seja totalmente eficaz, é necessário que a relação com os professores e com os colegas seja estabelecida de uma forma natural e estimulante. Penso que é muito importante que o ambiente educativo seja calmo e isento de “ameaças”, para que o aluno beneficie de uma experiência de sucesso que lhe transmitirá mais confiança.

Concluindo, esta oficina foi extremamente gratificante e as minhas expectativas foram largamente superadas, pois a formadora abordou todos os temas de forma muito clara e concisa assim como, a partilha de experiências entre os formandos foi extremamente enriquecedora. O facto de a maior parte das colegas estar a trabalhar em unidades de autismo foi muito útil para mim, tendo em conta que aprendi imenso nesta partilha de experiências. Quero ainda aproveitar para agradecer à formadora, Dr.^a Cristina, pela total disponibilidade, simpatia, otimismo e leveza com que dirigiu a formação, que neste final de ano foi fundamental para nos sentirmos estimulados a estar sempre presentes nas sessões, apesar do cansaço.

Por fim, proponho duas atividades de intervenção que poderão ser úteis num programa de competências sociais.

Atividade 1 – Cubo dos sentimentos

Através da brincadeira pode-se expressar sentimentos e emoções, percebendo assim como nos sentimos e como se sente o outro. A atividade deve ser realizada em grupo. Cada elemento do grupo lança o cubo dos sentimentos (em cada face está escrito um estado: zangado, triste, admirado, contente, com medo, envergonhado) e exemplifica a expressão facial do estado escrito na face que ficou voltada para cima.

Posteriormente, repete-se a atividade, mas o aluno tem de relatar uma situação em que se tenha sentido dessa forma. Pretende-se ajudar a criança a relatar situações vivenciais e a organizar o pensamento em relação às suas emoções e sentimentos.



Fonte:
<https://projectobrincaareaprender.wordpress.com/2015/07/07/cubo-das-emocoes/#more-564>

Atividade 2 – A panela de pressão

Nesta atividade pretende-se que o aluno aprenda a comunicar corretamente com os colegas, aprendendo a perceber o que os outros dizem, o que sente e o que pensa sobre o que foi dito e por último o que pode dizer sobre o que sente e o que pensa.

Assim, comparam-se as várias etapas passadas pelo aluno quando lhe dizem algo desagradável com o comportamento de uma panela de pressão.

Inicialmente liga-se o fogão e o fogo reage com a panela. Consideremos que o fogo é o que dizem ao aluno. Posteriormente, a panela começa a formar bolhas e a aumentar a pressão no seu interior, esta fase é o que o aluno está a sentir com o que lhe foi dito. Por último temos o que é que a panela pode fazer com a pressão sentida, o aluno aqui deve dizer o que pensa sobre o que se passou. Neste momento, devemos ajudá-lo a refletir sobre as várias hipóteses de comportamento que pode ter:

- a) Fechar a tampa e engolir! – não dizer nada.
- b) Saltar a tampa. – gritar e bater.
- c) Deixar sair o vapor ou a pressão – dizer o que sentes e o que pensas, sem magoar os outros.

Devemos ajudar agora o aluno a escolher a opção c) e que perceba a importância desta escolha. Para ajudar o aluno devemos fazê-lo pensar em diversas situações desde um comportamento de um colega que não gostou (por exemplo, ao pedir um jogo a um colega), entre outros comportamentos que sabemos que o aluno já passou e não soube reagir.



Reflexão realizada por
 Ivone Macedo

Matosinhos, 5 de julho de 2017